

Yambambó: o canto negro, poesia e dor em Nicolás Guillén

Prof. Mestranda Geni Mendes de Brito (UFPI)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estudar a linguagem e a representação do negro na poesia de Nicolás Guillén como um elemento de ritmo, de canto e de música que o satura de seu melodioso clamor ancestral. Para Guillén, o “negrismo” ou o “afrocubanismo” significa a abertura para as possibilidades reais de suas expressões. O negro e o social acabam integrando-se na poesia de Guillén com grande qualidade cubana e universal.

Palavras-chave: Afro-cubano – Nicolás Guillén – Poesia – Canto – Cuba.

Fazendo um balance da literatura cubana do final do século XX não se pode deixar de mencionar a literatura afro cubana, o mais importante movimento literário entre o modernismo de José Martí e Casal e o transcendentalismo de Lezama Lima, e um potente vínculo literário entre os países do Caribe, com um bom acolhimento da Espanha, como mostra uma entusiasmada carta de Miguel Unamuno a Nicolás Guillén y os “sons” de inspiração guilleneana de Garcia Lorca e Rafael Alberti. Enquanto que os transcendentalistas Lezama Lima, Eliseo Diego e Fina Garcia Marruz continuavam escrevendo, a poesia afro cubana já tinha se extinguido em 1940 (MANSOUR, 1973, p.9-10). Desde então, muitos panoramas críticos da poesia negra praticamente se limitam à década de 1930, ou descrevem de preferência a narrativa recente sobre temas negro, como Gordils (1976) ou García Barrio (1978), Prieto González (*El tema negro en la poesia de la revolución cubana*, 1988), Pereira (Raza en *La obra de Nicolás Guillén después de 1959*, 1983) e as páginas de Nancy Morejón em Nación y mestizaje en Nicolás Guillén, 1982, sobre Guillén posterior a 1959 (DILL, 2000, p.39).

Mas a poesia afro cubana sobrevive até o momento, mesmo que vem mudando de tema, estrutura e recursos. Para examinar esta literatura neo-africana devem-se lembrar os aspectos mais destacados da poesia afro cubana clássica. Os temas preferidos eram os seguintes: a discriminação racial e o protesto político contra ela; a condição do negro pobre; a perspectiva e mentalidade do negro, ou seja, a visão que se tinha do negro não desde fora, mas desde dentro; a sexualidade da negra e da mulata; o sincretismo afro cubano com a invocação das deidades afro; as festas (*cumbanchas*) e a linguagem cotidiana do negro pobre com seu espanhol deformado.

Além do ‘tema negro’, por si mesmo extra-literário e das temáticas que dele se derivam, a poesia afro cubana clássica se define por suas estruturas e recursos próprios, elementos do folclore oral e musical afro cubano recolhidos e adaptados da poesia culta por meio da transculturação, o que a transforma em fato literário, escola, estilo e escritura. A forma literária de *son* e *rumba* constituem o fenômeno estético mais relevante desta poesia. Deve-se destacar a transformação de deidades *yorubás* em símbolos, alegorias ou figuras retórico-poéticas; o exemplo de palavras africanas ou supostamente africanas carentes de significado como em *Canto negro* do poema *Songoro Cosongo* (1931) de Nicolás Guillén.

Neste trabalho estudaremos a figura e a linguagem do negro na poesia de Nicolás Guillén como um elemento de ritmo, de música que clama numa melodia nostálgica, seu canto de prazer e dor. Analisaremos de forma sucinta seu poema *Motivos de son* publicado em 1930.

1. O poeta

Nicolás Guillén nasce na cidade de Camaguey no dia 10 de julho de 1902. É filho de um grande jornalista que gozava de prestígio junto às massas liberais da província de Camaguey chegando a ser senador em 1908. Aos quatorze anos Guillén escreve seus primeiros poemas, um dos seus passa-tempo preferido, mas tem que abandonar quando seu pai é assassinado por soldados se vendo na obrigação de trabalhar como tipógrafo em uma imprensa. Por sua admirável facilidade de escrever poesias, se dedica a escrever sobre a segregação racial, não esquecendo assim sua ascendência africana. De acordo com Guillén:

El verso es amigo de la emoción. Por eso ha de ser fino y profundo como una nota de arpa. Pero yo no olvido que nací en la República, en medio de la conjuntura trágica de la isla (GUILLÉN, 1975, p. 2).

Quando jovem, entre as décadas de 1920 a 1930, dedica-se intensamente à vida cultural e política de Havana, e anos mais tarde, em 1937, ingressa no partido comunista cubano. Nicolás Guillén compara sua obra poética com a composição étnica de Cuba, considerando que tinham os mesmos elementos de mestiçagens. Em 1930, Guillén escreve *Motivos de son* e em 1931, *Songoro Cosongo*, ambos com características de son, em torno de um tema e de repetição de palavras. Algumas de suas composições poéticas, pela melodia, ritmos e cadências afro, serve de inspiração para a música popular cubana. Sem se importar com as características de seus versos, os quais em muitas ocasiões expressam sensualidade, humor e africanismo, Guillén inclui neles características imperialistas.

Quando Fulgêncio Batista assume o poder Guillén publica sua primeira obra de conteúdo político e social: *West Indies Limited* (1934) e mais tarde, *Cantos para soldados y sones para turistas* (1937), *España* (1937), *poemas de cuatro angustias y una esperanza* (1937) y *Tengo* (1959). Devido ao conteúdo de seus poemas, Fulgêncio Batista impede a entrada do escritor em Cuba, motivo pelo qual Guillén se vê obrigado a exilar-se por mais de cinco anos. Durante o exílio, escreve: *La Paloma del vuelo popular*, cujo verso diz: “*Qué raro/ que al tiro al blanco/no le hayan puesto tiro al negro* (GUILLÉN, 1975, p. 7). Regressa a Cuba quando a revolução triunfa em 1959. E em 1962 é eleito presidente da recém fundada União dos escritores e Artistas de Cuba (UNEAC). Nascido no âmbito do pós-modernismo e das experiências vanguardistas dos anos 20 em Cuba, a obra de Nicolás Guillén, rapidamente o transforma no representante mais destacado da poesia negra ou afro-antilhana.

2. A poesia

Nicolás Guillén é um dos poetas do mundo colonial que mais trabalhou para priorizar a ordem da nação como valor ideológico, político e estético. A poesia negra, como movimento em Cuba e na América Latina, considera Guillén uma figura central. Sua poesia transcende esta modalidade de poesia negra e afro cubana, não somente por sua excelente qualidade estética, senão por sua ambição social de traduzir as mais puras essências populares da identidade negra. O próprio Guillén afirma:

El verso ya no cascabelea. El ritmo del bongó que empezara enloqueciendo la fina cola de las batas, adquiere cólera profundidad. El son no es solo del negro bembón, chulo, a quien sostiene la mujer, vestiéndolo de dril Blanco y

zapatos de dos tonos, sino el del trabajador, que muere en una faena cuya dureza bárbara no resiste su cuerpo mal pagado, o que se desploma sin lograr trabajo, seco de hambre en las calles (GUILLÉN, 1975, p. 296).

A exaltação dos valores negros, no primeiro caderno de Guillén, *Motivos de son* (1930), não exclui sua irreversível integração ao que o autor chama de “cubanidade”, seus negros são cubanos e se expressam em uma forma literária que resulta da simbiose mais transculturada de uma manifestação cultural e mestiça: o *son*. Ainda que antigo na história musical do país, o *son* sempre foi um acontecimento popular mestiço das regiões do oriente cubano. Os salões que se respeitavam não aceitavam, e mesmo que demoraram muito a admitir, a “conga e outros bailes de negros” (MOREJÓN, 2005, p. 69). Foi preciso que George Gershwin utilizasse de *Montuno de Échale salsita*, de Ignacio Piñero, tema fundamental de sua *Abertura cubana*, que o *son* desbordasse nas fronteiras ilhadas e conquistasse as orquestras norte americanas e européias, para que Havana e, em geral as pessoas importantes de Santo Antonio e Maisi, se rendessem ao fascinante atrativo musical: Com os ritmos *El que siembra su maíz*, *La mujer de Antonio* ou *Son de la loma*, de Miguel Matamoros, a resistência tinha sido grande, mas ao fim e ao cabo, esse ritmo mexia no sangue dos cubanos.

Motivos de son (1930) foi intuído por Guillén como uma das formas de revestir a poesia cubana como produto artístico da mestiçagem, das duas raças que confluem nas veias da população da ilha, o *son*, nascido do encontro negro e branco sob o céu antilhano, e que na música e na palavra do povo culmina em canção. *Motivos de son* é uma forma de combater a discriminação racial, tanto entre os brancos como entre os negros mesmos, os quais eram apresentados em primeiro plano poético com seus ritmos e seus casos, surpreendidos no cenário cotidiano. A primeira vista, *Motivos de son* não pareciam possuir uma intenção de combater o racismo na sociedade cubana, pouco a pouco, se percebe que tanto na poesia como na música são apresentados relatos e detalhes isolados das condições de vida que era relegado grande parte da população negra de Cuba.

Desse modo, inquieto diante de um sistema social injusto, Nicolás Guillén extrai seus personagens de *Motivos de son*, como por exemplo, o *Chulo* do seu poema *Negro bembón*, (negro beçudo), elegante e preguiçoso que vive à custa da mulher: *Carida te mantiene/ te lo da to.*¹ O que lhe permite usar um *majagua*² de linho branco e sapatos de duas cores e de dispor de *harina*³ sem *pega*⁴, somente à custa de *su boca santa*⁵ para manter a negra à seus serviços, motivo que a leva a chamar-lhe de *Negro bembón* com intenção de gozação ou ofensiva.

Outro poema, *Búcate plata*⁶, é a reclamação da negra ao homem que a desfruta mas não a sustenta, é um dos Motivos que caracteriza esse problema diário de obter dinheiro para suprir as necessidades cotidianas, sob o capitalismo, constitui uma verdadeira aventura: *Yo bein sé cómo etá to, pero, biejo hay que comé./ Búcate plata, búcate plata, porque me voy a corré*⁷ (GUILLÉN, 1975, p. 94-95).

¹ A caridade te mantém e tudo te dá. (minha tradução).

² Terno

³ Dinheiro

⁴ Trabalhar

⁵ Atração sexual

⁶ Cadê o dinheiro

⁷ Eu sei bem como tudo está, mas, velho, temos que comer. Cadê o dinheiro? Cadê o dinheiro? Porque já vou embora (minha tradução).

A negra está decidida a não dar *un paso má* com o homem que a tem, enquanto ele brilha com sapatos novos, com tanto luxo, a negra anuncia que *va a corrê*⁸, mostra a conclusão filosófica da incompatibilidade da fome com o amor: *Depué dirán que soy mala/ y no me quedrán tratá /Pero amó con hambre, biejo/ québá!*⁹.

*Ayé me dijeron negro*¹⁰ é outro poema dos *Motivos de son* que Nicolás Guillén publica. Trata-se de uma sátira contra alguém que insulta um negro pelo simples prazer de insultar, portanto este também tem sangue africano nas veias:

Ayé me dijeron negro/pa que me fajara yo. Pero é que me lo desía/ era un negro como yo./ Tan Blanco como te bé/ y tu abuela sé quién é. /Sácala de la cosina,/ sácala de la cosina /Mamá Iné. Mamá Iné, tu bien lo sabe/Mamá Iné ,yo bien lo sé./Mamá Iné, te llama nieto/ Mamá Iné.¹¹
(GUILLÉN, 1975, p.95).

Motivos de son representam uma simples contribuição para a poesia popular em Cuba, assim disse o próprio autor, Nicolás Guillén. Se esses versos são duros, Cuba não é de outra maneira. Cuba é uma população negra de maioria branca. Guillén conclui dizendo: “se o negro desaparecer como entidade física de nosso pitoresco agregado social, perdurará eternamente por sua inefável contribuição para o folclore e a grande força de seu espírito” (GUILLÉN, 1975, p. 103).

Na linguagem de *Motivos de son*, ao reproduzir a fala dos negros de Havana, está explícito no poeta o desejo de recuperar a língua perdida. Mesmo Guillén reproduzindo a fala característica do negro, recurso típico de sua modalidade poética, isso não quer dizer que ele faz uma exclusão da identidade nacional daquele negro que já tem um mundo de valores construídos, e que, ainda que esse negro se encontre no nível mais baixo da pirâmide estrutural da sociedade neo-colonial, por isso mesmo ele constitui, junto ao cubano branco e camponês, sua célula geradora e sustentadora da economia do país que tudo determina em última instância. Cantar a poesia negra é também por o dedo em uma chaga de uma maldita herança do sistema escravista que só desaparece em teoria, no final do século XIX, em 1886. Depois de 1880, quando alcança sua liberdade teórica, o negro cubano permanece ausente, como tal negro, da poesia e da arte de Cuba, e isso ocorre em plena República (BALLAGAS, 1946, p. 98). Deve-se aceitar que mediante a expressão do negro era possível chegar à expressão do cubano. Essa é a primeira importância dessa poesia. Seu futuro não tem sido outro que sedimentar às bases para a óptica mais integral e conseqüente dos fatores que, diante de um processo de transculturação, compõe a nacionalidade (GUILLÉN, 1975, p. 98).

Referências Bibliográficas:

- [1] ÁLVAREZ, Luis. Nicolás Guillén: identidad, diálogo, verso. Santiago de Cuba: Editora Oriente 1997.
- [2] AUGIER, Ángel. Nicolás Guillén- estudio biográfico crítico. La Habana: Ediciones Unión, 2005.

⁸ Que partirá com outro homem (minha tradução).

⁹ Depois dirão que sou má e não mais vão me tratar, mas, amor e fome, velho, não dar (Minha tradução).

¹⁰ Ontem me disseram, negro (Minha tradução).

¹¹ Ontem me chamaram de negro para que eu me zangasse. Mas aquele que dizia era negro como eu. Tu te vês tão branco, eu sei quem é tua avó. Tira-s da cozinha, tira-a da cozinha. Mamãe Inez, eu bem sei, mamãe Inez, tu também sabe, mamãe Inez, eu sei bem, mamãe Inês te chama neto, mamãe Inez (Minha tradução).

- [3] BALLAGAS, Emílio. Situación de poesia afroamericana – en revista cubana, La Habana, Vol. XXI enero de 1946.
- [4] DILL, Otto Hans. La poesia afrocubana y el concepto de la identidad cultural en: Todas las Islas la Isla- nuevas y novísimas tendências en la literaura y cultura de Cuba. (Janett Reinstadler/ Ottmar Ette (org). Iberoamericana, 2000.
- [5] GUILLÉN, Nicolás. Prosa de prisa. Compilación, prólogo y notas de Ángel Augier. Tomo Tres. La Habana: Editorial Arte y Literatura, Col. Letras Cubanas, 1975.
- [6] MANSOUR, Monica. La poesia negrista. Mexico DF. 1973
- [7] MOREJÓN, Nancy. Nación y mestizaje en Nicolás Guillén. La Habana; Ediciones Unión, 2005.